



Capa dum muito antigo programa das Festas da Agonia. Dentro, lê-se «Souvenir-1893». Na contra-capa: preço, 100 rs.

Verídica e pitoresca estória da Romaria de Nossa Senhora da Agonia com seu começo nas brumas dos tempos e seu real corpo desde 1856 que é o ano em que o cronista soube de ciência certa como ela foi até aos nossos dias

por Severino Costa

Ao iniciar, esta crónica da Romaria de Nossa Senhora da Agonia, vou socorrer-me de algumas notas que colhi na obra do meu Amigo José Rosa Araújo —testemunho idónio e erudito, como é norma desse escrupuloso investigador. Por minha conta e risco, só no ano de 1856 é que a «estória» começa. J. R., e aqui me socorro da sua nota, no seu magnífico trabalho «Memória da Capela de N.^a Sr.^a da Agonia», conta-nos que, aí por 1670 foi levantada, no sítio onde hoje se ergue o Santuário, uma ermida da invocação de Nossa Senhora da Soledade a qual, tendo tido outras invocações, só em 1744 passou à de Nossa Senhora da Agonia, depois acrescentada com suas torres e bastante aumentada no seu corpo total. A feira, que depois em lenta evolução, iria celebrar a Romaria, foi criada pelo rei Dom José I em 15 de Julho de 1772, portanto há 206 anos. O que essa feira e a romaria foram durante 84 anos que é quando a minha estória começa, poderemos sem dificuldade imaginá-lo: festa modesta, toda ela girando em volta das solenidades religiosas, a procissão à cabeça, com a feira em cenário popular e de rudimentar estrutura, fogo de vistas, o arraial ruidoso...

E então estamos em 1856... volvidos 122 anos, para o relato pitoresco da mais extraordinária romaria de Portugal — fantástica aventura que só pode ser entendida até ao âmago, por alguém que consiga o milagre intemporal de a viver intensamente, nos seus enredos e nos seus fascínios como um bruxedo, um enlevo, um vício. Agosto de 1856:

No teatro da terra, funcionava uma companhia espanhola de zarzuela, dramas e comédia...

Chegavam notícias emocionantes de que talvez ficasse transitável para carruagens, ainda antes das festas, a estrada de Famalicão, ao mesmo tempo que se pediam providências à «senhora Câmara» para que, ao menos durante as festas, não fosse permitido que varas de porcos pastassem no Jardim de D. Fernando, mesmo junto ao Campo da Agonia, no caminho da feira. A esfriar a euforia dos vianenses, aquela coisa horrível, que iria pôr a cidade em pânico: o grande incêndio que estava a destruir a oficina dos fogueteiros Soares. Com efeito, essa desgraça impediu que o pirotécnico vianense cumprisse o seu contrato e assim, à última hora, houve que encomendar fogos de fora mas foi um desalento «as suas cores esvaíam-se, não prestando o do chão» (o fogo preso tanto em voga na época).

... 1857: É aberta a estrada para Caminha, o que permitiu a chegada de alguns tréns com espanhóis, sendo já melhores os fogos e de maior pompa as festas da igreja.

Será aqui altura de se dizer que ainda a romaria, nesses recuados anos, se continuava limitando às festas de igreja e à procissão de grande devoção, principalmente, da gente da Ribeira, às barracas com seu variado comércio e quermesses — não faltando — como se lê no noticiário da nossa velha «Aurora» — «o abuso das hospedarias que aproveitavam das festas, para cobrar dez tostões e mais por uma dormida...»

Mas surge o ano de 1871 — e eu aqui salto alguns anos para melhor demarcar as transformações e progressos das festas — ano entre todos famoso na sua legenda: vianenses denodados, ardentes de bairrismo, perderam a cabeça e deram-se a uma «loucura» que correu os seis bairros da cidade: a construção de uma praça de toiros; de madeira, claro; de pequeno arcaboijo, mas, enfim, uma praça nova... Aquela iniciativa pôs em delírio os vianenses! Tão profunda e arreigada a paixão dos vianenses pelas corridas de toiros bravos, que nesse ano se realizaram 7 corridas, de 13 a 27 daquele mês de Agosto. Os preços eram uma provação para as famílias: 2.200 reis uma sombra, um camarote de seis entradas 15\$000 reis, para as sete corridas! A primeira dessas corridas, compareceram mais de 1.000 pessoas! — (O tempo, aqui, funciona como um binóculo posto ao contrário...). E se dissermos que, nesse ano, até houve um forçado que farpeou dois touros e que o velho jornal vinha denunciar publicamente que «por culpa exclusiva desse execrando Partido que está no poder, já a carne se está a vender nos talhos a 2\$400 reis o quilo», far-se-á uma ideia do ambiente emocional da época. Entretanto, no teatro, a actriz Augusta brilhava na «Morgadinha de Volflôr».

Mas vem 1872 e já aquela paixão dos touros parece ter esfriado um pouco, porque nesse ano «apenas» se realizaram quatro corridas, com a particularidade posta nos cartazes em letra grande, de que dois pretos faziam

parte do «cartel». Que mar de gente! Era 1878, o caminho de ferro fora inaugurado em 30 de Junho desse ano e isso provoca nas festas uma autêntica viragem. A crónica revela «a pasmosa comodidade» e conta das gentes que desembocava da estação, muitos cavalheiros em chapéu de «chilia» e de guarda-pó — enquanto das aldeias, magotes e ruidosos grupos de famílias inteiras, desciam serras e vales para gozar as festas durante quatro dias — tomando muitos deles dezasseis banhos de mar, à razão de quatro por dia, para tirar todo o proveito.

Foi quando começou a aparecer nas tocatas aldeãs a «civilizada harmónica» — segundo a expressão do noticiário — e numa altura em que o sr. Abílio da Guerra Junqueiro «cavalheiro muito distinto e já conhecido poeta» — diz a notícia — decidiu abandonar a Ilha Terceira para ser Secretário Geral do Governo Civil de Viana do Castelo, terra onde pouco depois viria a casar e onde haveria também de escrever as estrofas tocantes e humildes de «Os Simples». Nesse ano, — espantoso progresso! — apareceu na feira um espanhol que alugava reбуçados. A guloseima, com um pau na ponta, do tamanho de um ovo de pomba, podia ser chupado pelo bom povo à razão de dez reis por cada 10 minutos e cinco reis, cinco minutos; o reбуçado inteiro custava um pataco (40 reis). O fiel repórter conta que assistiu, embatocado, ao espectáculo de três labrostes a chupar o reбуçado, que logo passavam uns aos outros, para pagarem 10\$000 reis depois daquela chupadela colectiva e mais económica. O espanhol, de cebolão na mão, ia contando os minutos!

Eram umas festas fantásticas!

Saltemos uns anos, e chegamos a 1886. As festas prolongaram-se por cinco dias. Realiza-se uma peregrinação a Santa Luzia por velhos caminhos abertos pelo pé do homem. Pela primeira vez o jornal nos fala de «iluminações no rio Lima».

Dois anos depois, em 1888, os vianenses que já não sabiam que mais admirar neste crescendo de novidades, assistem à primeira regata no rio Lima, promovida pelo Ginásio Club. A procissão é imponente — e toda a gente protesta contra o facto de não haver um programa impresso. Impressionante, excitante a notícia de que a Viana chegara D. Ildegonda, rotunda italiana de vetusta idade, chegada de Milão para ensinar meninas de boas famílias a fazer frutas artificiais, esportulando 35 reis por lição.

Um delírio!

Mas ainda nas lojas da Praça da Rainha e nas boticas se falava de todas essas coisas espantosas que alimentavam durante o ano as conversas caturras dos velhos vianenses, quando chegaram as festas de 1889. Um grande feito se anunciava, digno de girândolas, digno de filarmónicas: o engenheiro Góis Pinto e Manuel Espregueira, dois rapazes da «jeunesse dorée» da cidade, iam empreender uma viagem de trém a Santa Luzia, pela ainda grosseira estrada que se começava a abrir. Levantaram-se discussões acaloradas, havia quem pedisse a intervenção das autoridades, velhos lojistas circunspectos, entre duas pitadas de rapé, achavam aquilo uma pura loucura! Mas quê? o próprio Governador Civil, dr. Câmara Leme ao saber do propósito, logo declarou que queria participar da façanha — e num do dia das festas, com duas filarmónicas a tocar e no meio de foguetes, os três arrojados vianenses subiram a Santa Luzia pela estrada que, em 13 de Maio anterior começara a ser

construída e que nesse dia, 19 de Agosto de 1889, assim se considerava aberta, embora com tosco piso; diz o jornal que os três «aventureiros» fizeram a escalada «muito cuidadosamente e sem desastre». Como nota curiosa poderei informar que a estrada foi aberta oficialmente em 17 de Agosto de 1890. Nota muito importante ainda, que considero um marco nas festas da Senhora da Agonia: a de ter sido nesse ano, 1889, que pela primeira vez a «A Aurora do Lima» dá notícia de uma Serenata no Lima com barcos iluminados e músicas lá dentro a tocar, promovida pelo dinâmico Ginásio Clube.

Ano de 1890: Ano triste para Portugal. É o ano da cólera morbus e o Governo proíbe as feiras em todo o território, incluindo portantos as de Viana do Castelo. Desse modo as festas limitam-se às do Santuário, embora de certo modo tenha constituído acontecimento importante a referida inauguração da estrada que não teve a repercussão devida. De facto o ano é de tristeza para todo o país.

Chega porém, o ano de 1891. O Rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia sustido c pesadelo da cólera, vêm visitar Viana do Castelo. Exultam os vianenses, a cidade enche-se de galas e de arcos triunfais, acendem-se grandes luzes no Palácio do General Luís do Rego para os bailes em honra dos reis ali hospedados. No Teatro Sá de Miranda, estreia-se com o «Hernâni» uma companhia de ópera italiana que logo na segunda récita apresentará o «Fausto». O jornal dessa época publica um anúncio em que se convidam os trabalhadores rurais a emigrarem para o Brasil pois o respectivo governo lhes dá passagem de graça para si e famílias. Quanto às festas o mais notável do programa são três corridas de toiros.

Volvidos três anos estão concluídas as obras do porto de mar e nas docas um número «impressionante» é anunciado aos vianenses e visitantes: as experiências das novas comportas da doca e a arriscada manobra da entrada e saída de um navio; e como havia docas e um novo porto eis que em letras garrafais se anunciava a chegada de um vapor com passageiros, vindos do Porto, ao preço de 2\$000 reis a passagem de ida e volta.

O Morgado de Covas é o cavaleiro das touradas, acontecimento sensacional mas, mais uma nota triste vem arrefecer o ânimo de toda a gente: no meio do terror das aldeias vizinhas um enorme, avassalador incêndio destrói o convento de S. Romão do Neiva.

Agosto de 1892: Aparece na feira o primeiro circo e de novo um grande acontecimento se regista, guardado para estes dias festivos: a colocação da primeira pedra do Templo Monumento ao Coração de Jesus no Monte de Santa Luzia. Touradas, procissão, fogos de artifício e Serenata completam o programa.

A Romaria sai do âmbito acanhado do Campo da Agonia, via invadindo a cidade e passa a ser a sua festa...

É quando chega do Brasil um rapaz cheio de ideias novas, desempoeirado, moderno — Manuel Segismundo Alvares Lima —. Numa tarde nessa morta e saudosa tertúlia que foi na Praça da Rainha a loja do Sr. Valença, levanta-se discussão tremenda acerca do programa das festas. Manuel Segismundo tem um rasgo: «Vou eu organizar as festas deste ano». E esta grande e ressonante frase suscita abraços e entusiasmo. Logo outros rapazes da cidade se lhe juntam,

e desde então a romaria com novos números, novos festivais se torna definitivamente a Festa da cidade.

Em 1894 é anunciado, para a doca, um feito de destemida coragem: o bombeiro Costa Neves, de Vila Nova de Gaia, realizará um torneio de natação e entre outros exercícios seria atirado à água atado de pés e mãos! Inaugura-se nova Praça de Toiros no Campo da Agonia, há Festival no Jardim, fogos de maravilha, touradas com um cartaz sensacional e tudo é rematado com a Serenata no Lima. José de Castro e Manuel Silva, primos e rivais, descendentes desse outro fogueteiro que se celebrou na Revolução da Patuleia — o Silva Patuleia — já são pirotécnicos que enchem o céu de Viana com suas artes e cores, há corridas de velocípedes e nelas toma parte um corredor francês!

O jornalista de «A Aurora do Lima», num rasgo de reportagem à moderna, corre ao jornal a noticiar que no campo havia cinco barracas de quinilharias, duas de fazendas, uma de fato feito, um oculista, nove cafés e duas barracas de diversões e «não podemos dizer quantos carros de melancias, porque quando saímos do Campo ainda estavam chegando alguns».

Em 1906, pela primeira vez, e este pormenor merece ser fixado com muita atenção: o noticiário regista a presença nas festas de raparigas vestidas à «lavradeira», pelo que me parece ser esta a data da verdadeira implantação nas festas do Traje à Vianesa. Há regatas de vela e remo e nas touradas uma sensacional parelha de cavaleiros: o Morgado de Covas e Manuel Casimiro que, durante tantos anos, haveriam de manter-se à cabeça dos «cartéis» tauro-máquicos em Portugal.

Em 1908 regista-se a primeira Parada Agrícola — os cortejos etnográficos da actualidade — e é um acontecimento que entusiasma toda a gente. O Rei dá 100\$000 reis para as festas e de Espanha vem uma banda militar. Manuel Silva já nesse ano apresenta os fogos das festas com o nome de Manuel Gonçalves da Silva & Filhos — Manuel Silva que teria muitos anos volvidos um triste fim e o José Silva tragicamente morto numa explosão da oficina também muitos anos depois.

Daqui em diante já as festas não são história que se evoque. Todos nós, mesmo os mais novos, as conhecemos e vivemos: festa de renovado encontro com nós mesmos, festa do coração que nela vai cavando suas raízes de memória, lembrança de uma mulher, de um cantar ao desafio, daquele toiro lindo que era negro de azeviche, de um grupo de romeiros que erguia as mãos à Senhora, tremendo de fé; de um vira doido e em delírio erguendo núvens de pó donde emergiam braços morenos; daquela tarde de lavradeiras com seus fatos cor de sangue; daquela melancia vermelha que comemos na noite do Fogo do Meio; da ávida mirada que alguém nos deu ao passar, das malgas de vinho verde que rodavam de mão em mão... de um dia azulino e quente em que o encanto magestoso de Viana entrou no nosso coração e foi direito ao mais íntimo da alma — para a deixar perplexa à espera do ano que vem.